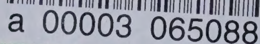
Cordeiro de Sousa



APONTAMENTOS de Epigrafia Portuguesa



DATE DUE	RET.	DATE DUE	RET.

Publicações da Associação dos Arqueólogos Portugueses

I

APONTAMENTOS

DE

EPIGRAFIA PORTUGUESA

POR

J.-M. CORDEIRO DE SOUSA



LISBOA
CENTRO TIPOGRÁFICO COLONIAL
Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 27 e 28
1928

PUBLICAÇÕES DA ASSOCIAÇÃO DOS ARQUEÓLOGOS PORTUGUESES

I

APONTAMENTOS

DE

EPIGRAFIA PORTUGUESA

POR

J.-M. CORDEIRO DE SOUSA

LISBOA
CENTRO TIPOGRÁFICO COLONIAL
Largo Rafael Bordalo Pinheiro, 27 e 28
1928

PREFACIO

Aqui estamos a prefaciar o presente livro do nosso amigo e consocio o sr. José Maria Cordeiro de Sousa não sabêmos bem porque razão, por isso que apênas sômos amadores do assunto nele versado e, como tal, publicamos, em tempos, um despretencioso artigo Notas sobre algumas inscrições relativas a Vasco da Gama (1).

Porem sobre estas considerações que, de sobejo, justificavam a não inclusão do nosso nome neste logar, pezou mais a consideração que nos merece o seu estudioso autor e, assim, é, com o maior prazer, que, nalgumas palavras, vimos fazer a sua apresentação, aliás, desnecessaria para os nossos confrades da Associação dos Arqueologos Portugueses, que estão habituados, ha muito, a presenciar a sua esclarecida actividade como conservador do seu Museu e a ler, com interesse, na Arqueologia e História, *orgão da mesma coletividade, no* Arqueologo Português *e noutras revistas da especialidade, os trabalhos que tem dedicado a esta importante materia.*

---

(1) *Numero especial de* A Folha de Sines, *de 25 de Janeiro de 1926.*

Para os que não pertencem á nossa Associação aqui indicâmos os seus titulos; A Sigla de Lourenço Afonso, *1922;* Inscrições Portuguesas do Museu do Carmo, *1.ª, 2.ª e 3.ª series, 1923-1925;* Algumas siglas e abreviaturas usadas nas inscrições portuguesas desde o fim do século XII até o principio do século XIX, *1926;* Uma lápide quinhentista dos arredores de Lisboa, *1927;* Inscrições sepulcrais da Sé de Lisboa, *1927; e* Marcas de canteiro, *1928.*

Neles seguiu os saudosos ensinamentos de seu ilustre progenitor, Luciano Cordeiro, secretario perpetuo da Sociedade de Geografia de Lisboa, autor de numerósos livros sobre variados assuntos, que, nos dois estudos: Inscripções portuguezas, *1895-1896, o primeiro saido na revista* Arte portugueza *e o segundo no* Boletim da Sociedade de Geografia (1), *patenteou os seus dotes de epigrafista.*

Quanto a este novo trabalho, a que o seu autor, com escusada modestia, não quiz dar o titulo de Manual da epigrafia portuguesa *ou qualquer outro seme-*

---

(1) *D'ambos se fizeram separatas.*

lhante, representa um feliz e original empreendimento, pois, entre nós, não ha nenhum livro neste genero e, no estrangeiro, não conhecemos nenhum identico.

Com efeito, em França, conforme afirmou, em carta dirigida ao seu autor, um dos mais ilustres epigrafistas, está ainda pouco estudada a epigrafia medieval, e na Italia, Marucchi, ao terminar o seu Tratado elementar de epigrafia cristã, *diz que se deve esperar que alguem venha a ocupar-se daquele assunto.*

Todos reconhecerão, pela sua leitura, que é um livro absolutamente indispensavel aos epigrafistas.

Com o seu auxilio se decifrarão, com a maior facilidade, os milhares de inscrições que existem espalhadas pelo nosso país e se poderá conseguir, por essa fórma, a constituição dum corpo ou prontuario de letreiros ou inscrições portuguesas.

Para este importantissimo reportorio já muitos autores, como D. Antonio Caetano de Sousa, Monterroio Mascarenhas, Antonio Joaquim Moreira, Cunha Rivara, Padre Francisco José Patricio, Joaquim José Lapa, Borges de Figueiredo, Frascarelli, Albano Belino, Dr. Leite de Vasconcellos, Dr. Alves Pereira, Dr. Ribeiro

de Vasconcellos e Garcez Teixeira, etc., (1) *contribuiram com as suas compilações mais ou menos desenvolvidas.*

Tenciona o sr. Cordeiro de Sousa, tambem, contribuir para a realisação deste prontuario de inscrições portuguesas, no que seria, unanimemente, aplaudido por todos os que se dedicam a este ramo da arqueologia historica.

Terminamos este breve prefacio felicitando o sr. Cordeiro de Sousa pelo seu novo livro, de incontestavel utilidade, fruto de assiduo e inteligente labor, que honra não só o seu autor, mas tambem a benemerita e prestante Associação dos Arqueologos Portugueses sob cuja égide ele é publicado.

HENRIQUE DE CAMPOS FERREIRA LIMA

---

(1) *Vide o artigo de Sousa Viterbo* Bibliographia epigraphica portuguesa, *a pag. 11-16 do 2.º vol. do* Archeologo Português, *1896.*

APONTAMENTOS

DE

EPIGRAFIA PORTUGUESA

Longe de mim a ideia de dar a estas páginas outro aspecto que não seja o de um simples caderno de apontamentos a custo reunidos durante anos de estudo e de peregrinação por monumentos e museus, ora recordando com saudade os primeiros ensinamentos paternos; ora escutando o conselho dalgum raro amigo; ora tendo de caminhar sósinho, ensaiando hipóteses, tentando regras, coligindo materiais para arrotear um terreno bravio que outros mais habeis hão de certamente cultivar.

*

A epigrafia é, como se sabe, a sciência das inscrições. Sciência cuja cultura exige uma longa preparação. Ela é, sem dúvida, a mais importante das sciências auxiliares da História.

O viver de antigos povos, muitos dos seus costumes, das suas leis, as suas crenças, territórios que ocuparam, factos obscuros da sua história, etc.; teem-nos sido revelados pela inteligente interpretação dos velhos textos epigráficos.

Mesmo no caso presente, em que nos ocupamos apenas do estudo da epigrafia portuguesa, podemos formar uma ideia da sua utilidade pela revelação de muitos nomes e datas de que se havia perdido a memória, de ligações de família que são confirmadas ou descobertas, de cargos que os registos das chancelarias omitiram e até pelo esclarecimento de tantos factos que a tradição e os documentos manuscritos teem conservado nebulosos.

E tanto assim é que, ainda não ha muito tempo, lembrava um distinto epigrafista ( ) que D. António Caetano de Sousa, para escrever a monumental «História Genealógica da Casa Real», coligira primeiro as suas «Memorias Sepulcrais» ( ).

Erradamente se supõe que o estudo da epigrafia é fastidioso e frio como a pedra das suas inscrições. Ele tem um raro encanto para os que sabem formar com

---

(1) F. A. Garcez Teixeira, in *«Serões de Tancos»*.
(2) Ms. da Bibl. N.al de Lisboa.

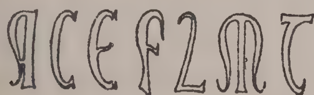
esses rudes caracteres as páginas gloriosas da nossa História, ou algum trecho perdido da grande tragédia da Vida.

Quantas vezes a leitura duma dessas lousas nos dá a ilusão do ruido longíquo das cavalgadas africanas, ou do éco dolorido duma voz que se extingue sob as lages frias dum claustro!

I

CARACTERES

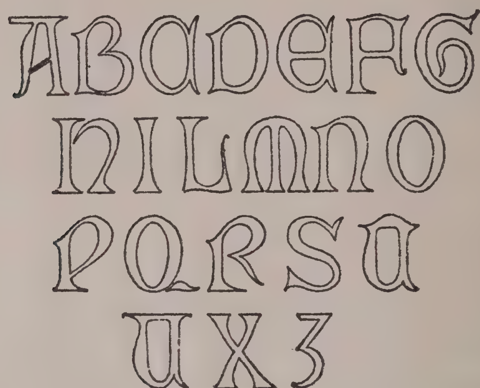
Com o declinar da primeira metade do século XII aparecem entre nós os primeiros caracteres góticos maiúsculos, ou unciais (do baixo latim *uncia*), por entre os caracteres romanos das velhas inscrições. A sua forma é ainda ingénua mas denota já a graciosa oval que mais tarde os caracterisa.



Forma dalguns caracteres de transição

Com o vagaroso decorrer dos anos o seu número aumenta sucessivamente e pode talvez dizer-se que no fim dêsse século corresponde em média a um terço,

achando-se completamente constituido o alfabeto uncial nos últimos anos do século seguinte.



Formas mais vulgares dos caracteres unciais

O latim já por toda a parte vai desaparecendo das inscrições, para dar lugar aos idiomas das nacionalidades modernas e, entre nós, é desde o reinado de D. Denis que êsse abandono se acentua. As primeiras inscrições já escritas em português, e em que se encontram apenas caracteres unciais, não vão alêm do princípio do século XIV.

O uncial completamente constituido mantem-se sòmente o curto espaço de tempo que vai desde o fim da primeira metade do reinado de D. Denis até o de D. João I e pode dizer-se que esses formosíssimos caracteres desaparecem com a aproximação do fim do sé-

culo XIV, se bem que sejam do ano de 1402 os que se lêem no velho túmulo do primeiro arcebispo de Lisboa ([1]).

Até esta época as linhas de cada inscrição eram quási sempre divididas por traços, ou pauta que posteriormente só por excepção nos aparece.

*

Com o despontar do século XV surgem entre nós os esbeltos caracteres góticos minúsculos.

Nascidos da fusão do rúnico e do latim, é da Alemanha que o seu uso irradia para quási toda a escrita lapidar europeia. A sua adopção é rápida, quási não ha transição e, num período relativamente curto, substituem por completo os caracteres maiúsculos ou monacais, que depois apenas se encontram algumas vezes empregados no princípio das palavras, como, por exemplo, na inscrição tumular de D. Frei Gonçalo de Sousa ([2]).

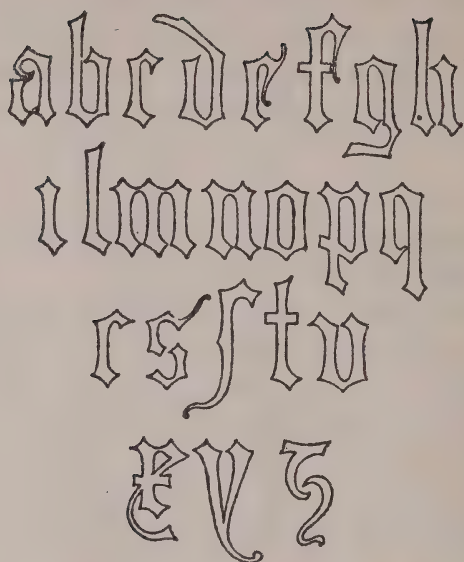
O seu desenho quasi exclusivamente formado por linhas rectas, é duma grande simplicidade.

O seu uso foi corrente durante a segunda metade do reinado de D. João I e os de D. Duarte, D. Afon so V, D. João II, D. Manuel e ainda D. João III.

Não é raro encontrarmos inscrições gravadas com letra de mão, em geral breves mas de dificil leitura pela imperfeição do desenho.

([1]) J. M. Cordeiro de Sousa, *Inscrições Sepulcrais da Sé de Lisboa.*

([2]) Museu do Carmo.



Formas mais vulgares dos caracteres góticos minúsculos

*

Desde o meado do século XIV que, como se sabe, se operava na Itália, principalmente em Florença, êsse movimento artístico, literário e filosófico a que se chamou Renascimento. Só, porém, mais tarde, pelos fins do século XV, começa espalhando-se pelo ocidente da Europa, anunciando o final da Meia-Idade e chegando até nós, como querem alguns, depois de 1491.

Com êsse regresso às formas clássicas, vem naturalmente a adopção dos antigos caracteres latinos e assim, durante o século XVI, assistimos ao desaparecimento constante e progressivo das belas inscrições góticas, que dão lugar às pesadas e desgraciosas capitais romanas dos séculos XVII e XVIII.

II

DATAS

A data que, em geral, assinala as nossas inscrições, e até meados do século XIII se referia sempre ao calendário romano, passa a indicar apenas a era de Cesar, e raras vezes o ano Domini, o da Encarnação, o da creação do mundo, etc., até à conhecida lei de 15 de agosto de 1422, em que D. João I manda adoptar o ano do Nascimento.

Como é geralmente sabido, no calendário romano o mês dividia-se em *calendas, nonas e idus*. Os primeiros dias dos meses eram os primeiros dias das calendas, o sétimo dia era o primeiro das nonas e o décimo quinto o primeiro dos idus, nos meses de março, maio, julho e outubro. Nos outros meses principiavam as nonas no quinto dia e os idus no décimo terceiro. Os dias intermédios contavam-se pela ordem retrógrada.

«Assim, no primeiro de janeiro dizia-se *calendas ianuarii;* em trinta e um de dezembro, *pridie calendas*

ianuarii; em trinta, *tertio calendas ianuarii;* em vinte e nove, *quarto calendas ianuarii;* etc., e o mesmo a respeito das nonas e dos idus» (1).

Posteriormente à mencionada determinação do Rei D. João I, encontra-se com freqüência a simples indicação de *era* (Ë, Ē, etc.) referida, é claro, à era de Cristo.

Nos séculos XIV e XV a centúria é indicada não só por CCC ou CCCC, como por III^{C} ou IIII^{C}, ou ainda por $\overline{III}$ ou $\overline{IIII}$.

No século XVI é também vulgar encontrarmo-la indicada por V^{C}.

No século XVIII o *M* é por vezes substituído por CIↃ.

---

(1) J. F. Pereira, *Chronologia.*

III

PONTOS DE SEPARAÇÃO

Nota-se que, quási sempre, entre cada palavra duma inscrição existem uns pontos, três (⁝), dois (:), ou um (·), conforme os seus caracteres são unciais, góticos, ou latinos. Isto sem um grande rigor, é claro.

Êsses pontos, que dão à escrita lapidar uma certa belesa, tinham apenas por fim tornar mais nítida a separação das palavras.

Algumas vezes a sua forma circular é substituída por pequenos losangos, outras vezes em logar dos dois pontos encontra-se uma linha como que formando um *S* muito aberto, mais ou menos ornamentado conforme a fantasia do canteiro que o insculpia, e que será porventura, uma reminiscência das *hederae distinguentes* das inscrições romanas.

Em regra, quando era um só ponto, colocava-se no centro da linha.

Nalgumas inscrições, o princípio, e às vezes também o fim, é marcado por cinco pontos em cruz.

IV

SINAIS

É freqüente encontrarmos sôbre certas abreviaturas um pequeno traço horisontal, traço que por vezes se parte, ficando os dois fragmentos unidos por um pequeno arco de círculo e que outras vezes, principalmente sôbre abreviaturas formadas por caracteres unciais, nos aparece com a forma de dois crescentes ligados com as pontas para cima, etc. Cada um dêstes sinais indica que da palavra foram suprimidas algumas letras.

Tempo   Deus   Março

Este segundo sinal substitui muitas vezes o *r* final.

Senhor

O som de *us*, no fim da palavra, é freqüentemente representado por um sinal semelhante a uma apóstrofe e que, em rigor, é apenas um vestígio dessas duas letras escritas em expoente.

Rodericus

Êste *til* colocado verticalmente toma o som de *er*, *or*.

Fazer Por

Aquele sinal colocado como uma grande vírgula, representa a conjunção *e*.

Deus e Santa Maria

E, quando em ponto maior, lembrando o algarismo *9*, substitui a sílaba *con*.

Conde

Um traço cortando uma letra pelo terço superior indica que se lhe seguem as letras *re;* se a corta pelo terço inferior corresponde às letras *er*.

Gregório   Serviço

Dois pontos sôbre uma letra, como em alguns casos um *til*, substituem as letras *ra*, *ar* ou *ro*.

Era.   Era

Martim

Meira   Primeiro

A vogal escrita em expoente, é como se estivesse ligada a um *r*.

V

LETRAS GEMINADAS, INCLUSAS E SOBREPOSTAS

A mesma causa que originou as abreviaturas, isto é, a necessidade de inscrever determinado texto num pequeno espaço, ou até a de igualar o comprimento das linhas duma inscrição, obrigou os canteiros a recorrerem ao processo simples de ligar duas, três e até quatro letras, aproveitando traços que ficavam comuns.

As letras assim insculpidas chamamos conjuntas ou geminadas.

Não é facil reunir todas as geminações que se podem formar e em que a fantasia do canteiro se espandia livremente. Mostrarei no entanto algumas de entre as que tenho encontrado.

(com 2 letras)

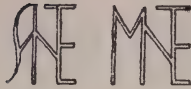
ab ac ad ae al am ar at av de de el et fr ge
he ir kl ma mb me ml mp nd ne nn nt on pe
pl qe th tr ui ul um xa

(com 3 letras)

age anc atr ccc nne nte per qve (*) rex vrr

(*) Esta gravura esta errada. Entre o *q* e o *e* devia estar um *v* e não um *n*.

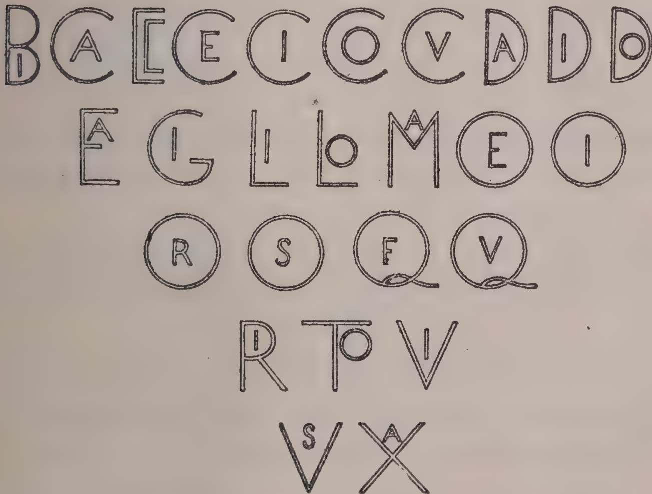
(com 4 letras)



ante mnte

Outro processo muito empregado, principalmente para as letras formadas por linhas curvas, consistia em incluir no espaço limitado por essas linhas outra letra de menores dimensões:

(com 2 letras)



bi ca cc ce ci co cv da di do ea gi li lo ma
oe oi or os qe (*) qv ri to vi vs xa

(*) Esta gravura está errada, como facilmente se vê.

(com 3 letras)

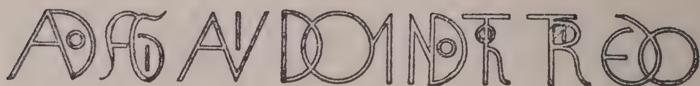
oli qve

Havia ainda outro processo muito vulgar que era o da sobreposição:



av do ee la ll ov vi vt xi

Era tão usual o emprêgo dêstes três sistemas que muitas vezes os encontramos reunidos, por exemplo:



ado agi avi dom ndo tho tri deo

Encontram-se também, por vezes, grupos simétricos de caracteres, como por exemplo este:



svis

VI

ABREVIATURAS

O estudo das abreviaturas merece uma cuidadosa atenção, pelo auxílio que o seu indispensável conhecimento nos presta na decifração de qualquer texto epigráfico.

Sôbre a sua origem creio que têm fantasiado um pouco os que pretendem filiá-la nas notas de Tirão, ou até nas siglas dos canteiros medievais. Ela deve ser quási tão antiga como os primeiros alfabetos e o seu emprêgo originou-o simplesmente a necessidade de inscrever um texto, por vezes longo, num espaço limitado.

Se bem que o seu uso, por vezes exagerado, dificultasse a leitura, êste processo dá à escrita lapidar um aspecto extremamente interessante.

Em geral a nossa abreviatura, embora não possamos considera-la sujeita a regras mais ou menos fixas como a romana, formava-se:

a) — Pela primeira letra da palavra, e então chamava-se *sigla*



Ano

b) — Pela primeira letra com a última em expoente



Mestre

c) — Pela primeira letra com o sinal representativo da última sílaba



Deus



Era

d)—Pela primeira e última letras com o sinal da supressão das intermédias

Deus

Qual

e)—Pelas primeiras letras da palavra e última em expoente

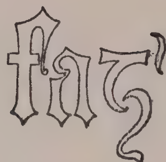
Abadessa

Agosto

f)—Pela primeira e últimas letras

Minha

g)—Pela primeira e última sílabas da palavra



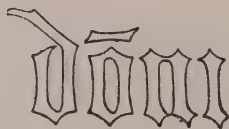
Fazer

h)—Pela primeira e última sílaba e primeira letra de cada sílaba intermédia



Arcebispo

i)—Pela primeira e última sílaba com o sinal de supressão das intermédias



Domini

TÁBUA ALFABÉTICA DE ABREVIATURAS



A	Ano
	Afonso
$\overset{o}{A}$	»
A^{o}	»
A^{s}	Anos
A^{TO}	Antonio
AB	Abril
ABB^{A}	Abadessa
$\overset{\frown}{ABBA}$	»
ABBÃ	»
$\overline{A}$CBPO	Arcebispo
$\overline{A}$CEBP$\overline{O}$	»
ADS	A Deus
AFN^{o}	Afonso
AG^{o}	Agosto
$AGT^{i'}$	Augustius
$\overline{A}\overline{I}A$	Anima
$ALBERG^{RA}$	Albergaria
$ALEX^{E}$	Alexandre
ALG^{E}	Algarve
ALGṼA	Alguma
ALM^{DA}	Almeida
$ALMOX^{E}$	Almoxarife
ALV^{o}	Alvaro
ALX^{o}	Aleixo
AL͂Z	Alvares
AM	A madre
	Amen
	Ave Maria
$A\overline{M}$	Amen
$A\hat{M}$	»
$\tilde{A}N^{s}$	Anos
AN^{TA}	Antónia
AN^{TO}	António
$ANGE^{A}$	Angela
ANIŨSAYROS	Aniversários
ANIVERS	Aniversário
$A\overline{N}S$	Anes
ANT^{o}	António
$APL\overline{O}S$	Apostolos
APOST	Apostólico
$APP\overline{LI}$	Apostoli
$A\overset{I}{Q}$	Aqui
AQ^{i}	»
$ARCB\overset{o}{P}$	Arcebispo
ÃRCBPÕ	»

ARCEBPO	Arcebispo
ART^{A}	Artilharia
ASṼP	Assunção
$\overset{o}{\tilde{A}}$T	António
ÂTÔ	»
AVG^{o}	Augusto
AVT	Antem

B

B	Beato
$\overset{o}{B}$	Bento
BAL^{o}	Bailio
BAP^{A}	Baptista
BAR^{MEO}	Bartolomeu
BAR^{TO}	Barreto
BJ̃	600
BN^{DO}	Beneficiado
BN^{DOS}	Beneficiados
BND^{o}	Beneficiado
BP^{o}	Bispo
B̄PO	»
BR^{DO}	Bernardo
BRAG^{ÇA}	Bragança
BTIAM	Bastião

C

C^{A}	Catarina
	Centésima
C^{A}C	Ducentésima
C^{A}N	Catarina
C^{DE}	Conde
C^{o}	Conselho
C^{R}AÇÃ	Criação
C'ADO	Criado
CABB^{o}	Cabido
CABD^{o}	»
CADR^{A}	Cadeira
CAMAR^{o}	Camareiro
CAMR^{A}	Camara
CAÕIC'	Canonicus
CAP	Capela
CAP^{A}	»
CAPP^{AM}	Capitão
CAR^{L}	Cardial
CARID^{E}	Caridade
CARV^{o}	Carvalho
CAUALR^{o}	Cavaleiro
CAV^{o}	Cavaleiro
CAVAL^{RO}	»
CAVLR^{o}	»
$\overline{CCC}$	Tricentésima
$\widetilde{CCC}$	»
CCC^{A}	»
CCCC^{TOS}	Quatrocentos
CHANT̃	Chantre
CID^{E}	Cidade
CL	Calendas
CN^{A}	Catarina
CŌFR^{A}	Confraria
COL^{o}	Colégio
COLG^{o}	»
COM^{OR}	Comendador
COMEN^{DOR}	»
COMP^{A}	Companhia
CONC^{o}	Conselho
CON^{TO}	Convento

CONC^{ÃO}	Conceição
CONSELHR	Conselheiro
CONU^{TO}	Convento
COP^{A}	Companhia
COR^{EL}	Coronel
COR^{TA}	Cortina
C$\bar{\text{O}}$STRVX	Construxit
CR	Casa Real
CRVZ^{RO}	Cruzeiro
C$\bar{\text{V}}$	Cum
CVI'	Cujus
C$\bar{\text{V}}$Q	Cumque

D

D	De Dom Doutor
$\bar{\text{D}}$	De Do
$\overset{\text{w}}{\text{D}}$	Da De
D'	Deus
D^{A}	Dia
D^{E}	Duque
$\overset{\text{o}}{\text{D}}$	Diogo
D^{o}	»
D^{TA}	Dita
DCTA	»
DCTO	Dito
DEDA	Dedicada
DEFOS	Defuntos
DEIX^{AO}	Deixaram
DESCENDE^{S}	Descendentes
DESPD^{AR}	De espaldar
DEZ^{OR}	Dezembargador
DEZ^{RO}	Dezembro
DEZB^{RO}	»
DEZBRO	»
DI^{o}	Diogo
DIS	515
D$\bar{\text{I}}$Z	Domingues
DN	Divino
D$\tilde{\text{N}}$	Domino
D$\bar{\text{N}}$A	Domina
D$\hat{\text{N}}$I	Domini
D$\bar{\text{N}}$S	Deus Nosso Senhor
D$\bar{\text{O}}$	Dom
D$\tilde{\text{O}}$	Deo
DO'	Dous
DO^{A}	Dona
DO^{S}	Dois
D$\tilde{\text{O}}$IZ	Domingues
DOM	Domingo
DOM'	Domus
DON'	Domnus
D$\bar{\text{O}}$NI	Domini
DOS	Domingos
D$\bar{\text{O}}$S	Domingos
D$\bar{\text{O}}$Z	Domingues
D$\hat{\text{R}}$	Dicitur
$\bar{\text{D}}$S	Deus
D$\bar{\text{T}}$A	Dita

DTO	Dito
DT̄O	»
DUC Q̃	Duque
D^{c}V	»
DVX	Duxit
DZ^{o}	Dezembro

E

E	Era
Ë	»
Ē	Em
	Est
Ẽ	Em
E^{w}	Era
E^{A}	»
E^{DE}	Idade
EAN̄S	Eanes
ECLE	Eclesia
ECCL	»
ECCLE	»
EGEIA	Igreja
EGIA	»
EIGĪ	»
EIGIA	»
EIGĨA	»
ELLTO	Eleito
ER	Era
ERD^{os}	Herdeiros
ERDR^{os}	Herdeiros
ESCUD^{o}	Escudeiro
ESP^{TO}	Espírito
ESPUÃ	Escrivão
EST^{o}	Estado
EV̄	Eum
EX^{A}	Excelência
EX^{o}	Excelentíssimo
EX^{MO}	»
EXCO^{AM}	Excomunhão

F

F	Faleceu
F^{A}	Filha
^{o}F	Fernando
F^{o}	Filho
F^{os}	Filhos
F^{R}	Frei
FA^{CO}	Faleceu
FA^{DA}	Fazenda
FAL	Faleceu
FAL^{co}	»
FAL^{o}	»
FALEC^{o}	»
FALECIM^{TO}	Falecimento
FAS	Fazer
FAZ	»
FĀZ	»
FAZ̃	»
FELC^{NA}	Feliciana
F Ê N Ā	Fernão
FER^{A}	Ferreira
FEUR^{o}	Fevereiro
FEV^{RO}	»
FEVR^{o}	»
FI^{o}	Filho
FID^{o}	Fidalgo

FL^{CO}	Faleceu
FORT^{A}	Fortaleza
FORTZ^{A}	»
FR	Frei
FR^{A}	Francisca
	Freira
FR^{CA}	Francisca
FR^{CO}	Francisco
FRAN^{CA}	Francisca
FRAN^{CO}	Francisco
FRANC^{O}	»
FRC^{O}	»
FRZ	Fernandes
F$\overline{R}$Z	»
FS	Fes
FV^{RO}	Fevereiro
FZ^{ER}	Fazer

G

G^{A}	Geral
G^{AL}	»
G^{AR}	Gaspar
G^{NAL}	General
$\overset{o}{G}$	Gonçalo
G^{O}	»
G^{OR}	Governador
GCIA	Gracia
GE^{A}	Guerra
GE^{AL}	General
G$\tilde{E}$L	»
G$\overline{L}$IA	Glória
GL$\overline{L}$Z	Gonçalves
GLZ	»
G$\overline{L}$Z	Gonçalves
GL$\overline{Z}$	»
GN^{AL}	General
GO$\overline{V}$^{OR}	Governador
GR^{DE}	Grande
GR^{DES}	Grandes
GRACI^{A}	Graciana
$\tilde{G}$VAS	Gervásio

H

HERD^{ROS}	Herdeiros
H$\tilde{E}$RIQ	Henrique
HM^{O}	Jorónimo
HUI'	Hujus
H$\tilde{V}$	Um
H$\tilde{V}$A	Uma

I

I	In
$\overset{o}{I}$	João
I^{O}	»
	Primeiro
I^{R}	Irmã
I'TA	Justa
I$\tilde{A}$	João
IAZ^{O}	Jazigo
IB^{C}	400
ID'	Idus
IG^{RA}	Igreja
IGIA	»
IGR^{A}	»

IHIS	Joanis
IHNES	Joanes
IHNS	»
IHÑ̃S	»
IHS	Jesus (1)
ÎHS	»
IHSP^{TO}	Jesus Cristo
ĪHU	Jesus
I·Ĥ̄V	»
$\overset{c}{\text{IIII}}$	Quatrocentos
ILL^{MO}	Ilustríssimo
IMI	Jesus Maria José
ĪNRII	Januarii
I Õ	João
I O Â	»
IOHAÑS	Joanes
IR	Irmã
IR^{o}	Janeiro
IRM^{DE}	Irmandade
IS	15
ISOO	1500
ISSX	1560
ISVS	Jesus

J

J^{AM}	João
J^{E}	José
JA^{o}	Janeiro
JHU	Jesus
JM^{o}	Jerónimo
JÕ	João
JOAQ^{M}	Joaquim
JOH̄M	João
J̄OYMO	Jerónimo
JUB	Jubilado
JUL	Julho

K

KAL	Calendas
KL	»
KLAS	»
KLS	»

L

L^{ÇA}	Licença
L^{DO}	Licenciado
L^{o}	Lopo
	Lourenço
LAM^{GO}	Samego
LBR̃S	Libras
LC^{o}	Lourenço
LÇO	»
LD^{o}	Licenciado
LG^{o}	Lago
LINHA G̃	Linhagem
LIVREM^{TE}	Livremente
LIX^{A}	Lisboa

(1) — Na epigrafia cristã esta abreviatura correspondia à fórmula *Jesus Hominum Salvator*, mas na escrita lapidar portuguesa devemos lê-la simplesmente como *Jesus*, encontrando-se variantes como IHU ou IHV e até IHSP^{TO} e ĪHSPTO como abreviaturas de *Jesus Cristo*.

LOVR^{co}	Lourenço
LX^{a}	Lisboa

M

M	Madre
	Maria
	Mártir
	Memória
	Mestre
	Mil
	Milésima
	Mulher
$\bar{M}$	Milésima
$\overset{w}{M}$	Mil
	Milésima
$\tilde{M}$	Maria
$\overset{A}{M}$	Milésima
M^{a}	Maria
	Milésima
	Missa
M^{dca}	Mendonça
M^{de}	Magestade
M^{dov}	Mandou
$\overset{E}{M}$	Mestre
M^{e}	Madre
	Mestre
$\overset{EL}{M}$	Manuel
M^{el}	»
M^{er}	Mulher
M^{l}	Miguel
	Mil
M^{na}	Mariana
$\overset{O}{M}$	Martinho
M^{ɔ}	Moimento
	Mosteiro
M^{or}	Morador
M^{ou}	Mandou
M^{tas}	Muitas
M^{to}	Muito
M^{tos}	Muitos
MAD^{ra}	Madeira
MAG	Magestade
MARG^{da}	Margarida
$\overset{w}{M}$^{co}	Março
M$\bar{E}$D$\bar{Z}$	Mendes
MEŸ	Meira
MG^{de}	Magestade
MHA	Minha
MHOHER	Mulher
M$\bar{I}$A	Misericórdia
M$\overset{\frown}{I}$AM	Misericordiam
MIDI	Maria José de Jesus
MIN^{tro}	Ministro
MISS	Missionário
MLHER	Mulher
MNS	Menendus
$\overset{w}{M}$IO	Maio
MIR^{da}	Miranda
M$\bar{I}$Z	Martins
MIZ^{a}	Misericórdia
M$\bar{J}$A	»
M$\bar{J}$Z	Martins
MOL$\tilde{H}$	Mulher
MOLH$\bar{R}$	»
MON	Monasterium

MONTº	Monteiro
MOSTº	Mosteiro
MOSTRº	»
MR^CE	Mercê
MRPM	Muito Reverendo Padre Mestre
M̃S	Martins
MT	Marta
MT (º over T)	Muito
MTº	»
MTºˢ	Muitos
MTA	Marta
M̃TIM	Martim
M͡T I N Z	Martins
MT̃IZ	»
MTII	Martii
MVIM̄TO	Moimento
MVJ^ro	Muito
MȲA	Misericórdia
MȲZ	Martins

N

N	Nossa
Ñ	Não
	Nosso
Nº	Nuno
N^TE	Neste
NACM^TO	Nascimento
NACMTº	»
NÃRIO	Necessário
NHṼ	Nenhum
NM	Nossa Madre
N̄NE	Nomine
N̄NS	Nonas
NOĨS	Nonis
N͡R I	Nostri
NS	Nosso Senhor
NSRA	Nossa Senhora

O

OB	Obiit
OB^RO	Outubro
OFFº	Ofício
ŌIA	Omnia
OL^RA	Oliveira
OLIUR^A	»
OLRº	Oleiro
OP	O padre
OQ̄	O qual
OQV	O quinto
OR	Ora
ORĨV̂D'	Oriundus
ORTE	Orate
OUV^OR	Ouvidor
OVT	Outro
OVT^BRO	Outubro
OVTRº	»

P

P	Padre
	Por
P̄	Pelo
	Por
P̃	Pre...
	Per...

P^{A}	Para
	Pereira
	Primeira
P^{AL}	Provincial
P^{E}	Padre
	Pede
P^{ES}	Padres
$P^{I}M^{RO}$	Primeiro
P_{I}MEŸ	»
$\overset{o}{P}$	Pedro
P^{O}	Primeiro
P^{OR}	Prior
P^{R}	Por
P^{RA}	Pereira
PA	Para
PAC	Pace
$PADR^{O}$	Padroeiro
PD̄O	Perdão
PEQ̃NO	Pequeno
PER^{A}	Pereira
PF	Padre Frei
P̄IZ	Pires
P̄LO	Pelo
PM̄	Primeiro
PN	Padre Nosso
PNAM	Padre Nosso Ave Maria
PORT	Portugal
$PORT^{AL}$	»
PORT̄S	Portugueses
PR	Prima
PR^{A}	Pereira
	Primeira
PR^{O}	Primeiro

PRESBIT̃	Presbiter
$PREŻ^{TE}$	Presidente
PROV	Província
P̃SB̄R	Presbiter
PSVALMA	Por Sua Alma
PVLPTO	Púlpito

Q

Q	Quae
	Que
Q̄	»
Q̃	Qual
	Que
Q^{AL}	Qual
$\overset{I}{Q}$	Qui
Q^{I}	»
$Q^{I}A$	Quia
$Q^{I}D$	Quid
Q^{TO}	Quanto
$Q^{U}TOS$	Quantos
$Q^{V}L$	Qual
Q̃ÃDO	Qnando
Q̃AN	Que hão
QD	Quod
Q̃EL	Que êle
Q̄ES	Quais
$QINTA^{A}$	Quintanilha
Q̃L	Qual
Q̃LL	»
Q̈LL	»
QNDO	Quando
QÕD	Quod

QU^{M}	Quem
QUOTID^{A}	Quotidiana

R

R	Responso Reverendo
R^{A}	Rainha
R^{DO}	Reverendo
R^{DOS}	Reverendos
$\overset{o}{R}$	Rodrigo
R^{O}	»
R^{TA}	Quarenta
R^{TOR}	Reitor
RD^{O}	Reverendo
RD^{OS}	Reverendos
REIN^{DO}	Reinando
RELIG^{A}	Religiosa
RESP^{TO}	Respeito
REVS	Reversus
RIBR^{A}	Ribeira
RIBR^{O}	Ribeiro
RN^{O}	Reino
RND^{O}	Reinado
RÖA	Roma Romana
ROD̃IC'	Rodericus
ROIZ	Rodrigues
RPM	Reverendo padre mestre
R̃S	Reais
RX	Responso

S

S	Santa Santo São Senhor Sepultura Scilicet
S̃	São
S^{A}	Senhora Sepultura Sousa Sua
S^{AS}	Sepulturas
S^{A} M^{DE}	Sua Magestade
$\overset{o}{S}$	Sueiro
S^{ɔ}	Segundo
S^{OR}	Senhor
S^{r}	Senhor Sepultar
S^{RA}	Senhora
S^{RES}	Senhores
S^{TA}	Santa
S^{TO}	Santo
SA	Sua Altesa
SACRAM^{TO}	Sacramento
S$\bar{C}$A	Santa
S$\bar{C}$I	Sancti
SCOS	Santos
SEB^{AM}	Sebastião
SE'	Seus
SEG^{DA}	Segunda
SEG^{DO}	Segundo

SEG^o^	Segundo
SEMIN^o^	Seminário
SEPE	Sempre
SERENS^MA^	Sereníssima
SETR^o^	Setembro
SEUIO	Serviu
SI^DE^	Cidade
SIQ^RA^	Sequeira
S I T	Sintra
SM	Sua Magestade
SM^o^	Santíssimo
SNÇ^A^	Sentença
SN^RA^	Senhora
SNAR̃	»
SNOR	Senhor
SNORS	Senhores
SNR	Senhor
SOBRED^A^	Sobredita
SOG^o^	Sogro
SÕR	Senhor
SOR̃	»
SÕRS	Senhores
SP^A^	Sepultura
SPṼ	Espíritum
SR̃	Senhor
SR^A^	Senhora
SR^ES^	Senhores
SRĨDOR	Servidor
SS	Santíssimo
SS^MO^	»
ST	Estevão Santo
ST	Estevão
STEZ	Esteves
STO	Santo
STZ̃	Esteves
SV	Sum
SVS	Suis
S✠	Santa Cruz

T

AM T	Tabelião
T^AM^	»
TDÃCA	Tardança
TEN	Tenente
TEN^E^	»
TER^A^	Teresa Terra
TEYXR^A^	Teixeira
TH^A^	Teresa
TO	Todos
TPO	Tempo
TRA	Terra
TRCR^o^	Terceiro
TT^o^	Título

U

U	5 $
U^CO^	Vasco
E U	Vicente
UCT	»
UII	Septimus Sete
UN^DE^	Universidade



V	Virgem
V^{A}	Vila
V^{AS}	Vilas
V^{COS}	Vasconcelos
V^{DE}	Universidade
$\overset{o}{V}$	Vero
VAASQS	Vasques
$VASC\tilde{O}^{LOS}$	Vasconcelos
$VASCON^{LOS}$	»
VEN^{DA}	Veneranda
VEN^{L}	Veneravel
$VENR^{OS}$	Venerandos
$\bar{V}\bar{G}NIS$	Virginis
VIG^{RO}	Vigário
VREY	Vice-Rei



X	Cristo
X^{ER}	Xavier
X^{o}	Cristo
XL^{A}	Quaresma
XPAÃOS	Cristãos
XPÃO	Cristóvão
$XP\tilde{I}$	Cristi
$X\bar{P}INA$	Cristina
$X\bar{P}M$	Cristum
$X\bar{P}O$	Cristo
$X\bar{P}OUAM$	Cristóvão
XPOVÃO	»
XPS	Cristus
XPVÃO	Cristovão



Y^{AM}	João
$\overset{o}{Y}$	»

7^{BRO}	Setembro
8^{BRO}	Outubro
9^{BRO}	Novembro
10^{BRO}	Dezembro
&	E
	Et
	Et coetra
9	Con . . .
9°	Conselho
$\overset{w}{9}$	Contra
$9\tilde{T}$	»
9TRA	»
9DE	Conde
9UENTO	Convento

VII

RECONSTITUIÇÃO DAS INSCRIÇÕES

Reconstituir um texto epigráfico que o tempo mutilou é sempre trabalho difícil e de muita responsabilidade pela falta de regras seguidas na sua composição.

Numa inscrição romana, incompleta ou em parte gastos os caracteres, podêmos, quási sempre reconstituir-lhe os períodos desaparecidos com bastante probabilidade. Sabemos, por exemplo, que as inscrições funerárias começavam sempre pela fórmula D·M·S· *D(iis)M(anibus)S(acrum)*, ou outra análoga, ou ainda por uma dedicatória a qualquer divindade, como *J(úpiter)O(ptimus)M(áximus)* (¹), que em seguida devemos encontrar os nomes do defunto, depois a sua filiação, a tríbu a que pertencia, etc. e por fim os anos, por vezes até os meses e dias que viveu.

Além disso, como as palavras se declinavam, não é

(¹) Cagnat, *Cours d'Epigrafie Latine.*

difícil achar a terminação daquelas cujas primeiras letras ainda se distinguem.

Ora, com as nossas inscrições não sucede o mesmo. Não obedecem a regras e os canteiros que as gravavam seguiam apenas a sua rude fantasia, ou as indicações, mais ou menos sensatas, de quem lhes mandara executar o trabalho.

Ha fórmulas que se repetem com pequenas variantes. É notável a freqüência, em inscrições sepulcrais da Idade-Média, de frases como:

quod es fui et quod sum eris (1)

fórmula que mais ou menos se conservou, aparecendo-nos ainda numa inscrição que ha anos existia no Bussaco:

...eu já fui o que tu és e tu serás o que eu sou (2)

Mas isto não constitui, evidentemente, uma regra.

Depois da primeira metade do século XIII, nessas inscrições, é substituida a frase *Obiit F...* pela fórmula *Aqui jaz* que se mantem até nossos dias, tendo caído talvez um pouco em desuso apenas no século XV em que se encontra de preferência a fórmula: *Esta Sª he de...* fórmula empregada durante o século seguinte. Então, mas principalmente no século XVII, essa fórmula simplifica-se para *S.ª de...*

(1) Borges de Figueiredo. *Rev. Archeol.* vol. I pag. 110.
(2) Id.

Regras, porém, não as podêmos estabelecer.

É pois necessário nunca ultrapassarmos, ao reconstituir uma inscrição, o que possa ser tentado dentro do máximo rigôr.

VIII

CLASSIFICAÇÃO DAS INSCRIÇÕES

Poderemos talvez considerar as nossas inscrições lapidares divididas em diversos grupos, classificando-as conforme o fim a que eram destinadas.

Assim teremos:

a) — Preces ou súplicas

Exemplo:

S. ROCHE · ORA · PRO · NOBIS

b) — De louvôr

Exemplo:

A VIRGEM MARIA NOS
SA SENHORA FOI
CONCEBIDA SEM
PECADO ORIGINAL

c) — Comemorativas de factos

Exemplos:

AQY CHEGARAM OS NA
VIOS DO ESCRARECYDO
REY DOM JOAM HO SE
G^{O} DE PORTUGAL

d) — Comemorativas de edificações

Exemplos:

LLVIS FR^{CO} DE OLIVEIRA DE MIRAMDA
E DONA LVISA DE TAVORA
SOR̃S DOS MORGADOS DOLIVEIRA E MIRD^{A}
MÃODARÃO FAZER ESTA FOMTE
ACABOUSE · EM OVTVBRO 1638
MANOEL NVNES PEDREIRO AFES

e) — Avisos.

Exemplos:

SVA MAG^{DE} ORDENA Q̃
OS COCHES SEGES LIT
R^{AS} Q̃ VIEREM DA P^{TE}

DE BAIXO RECVEM P^A^
O LARGO DAS CAZAS DO D^R^
- - - - MOVZ^O^ DE ALBQVERQ

f)—De posse.

Exemplo:

DA CONGREGA
ÇÃO DE N. S.^RA^
DA DOVTRINA
DE LIX.^A^ ANNO
DE 1739

g)—Divisas, tenções, etc.

Exemplos:

ALEEO

ou

JE AY BIEN RAIZON

h)—Sepulcrais.

Estas últimas podem ainda ser divididas em diversos tipos, abrangendo:

a)—Séculos XII e XIII—Breves, em latim, indicando pouco mais que um nome e uma data. Caracteres romanos e unciais.

Exemplo:

XV:KL:MAII:OB:
DONNA:MARIA:
DE ARCV:ERD:
M:CC:LXXX:UII

b) — Séculos XIII e XIV — já em português, mais extensas, caracteres unciais.

Exemplo:

:AQ I :IAZ ST:PAES NATU
RAL:D:BOIRO:COMEN
DO:A:MHA:ALMA:AD':
,:A:SCÃ:MARIA:CRIA
DO:DO:BISPO:DOMI
NGUS:IARDO:Q:PA
SOU:D':DIAS:ANDA
DOS:DO:MES:DE:IUNHO
:E:D:M:E:CCC:,:L:, VIII:ANOS

c) — Séculos XV e XVI — Em português, caracteres góticos minúsculos.

Exemplo:

AQ[I]: JAZ · DONA · BRIATIS DE CAS
TELBRANCO · PRIORESA · Q̄ · F̄OY · DES
TE · MUSTEIRO · DACHELAS · Q̄ SE FY
NOU NA ERA DE MIL, Q[I]NHĒTOS,
XXI

d) — Século XVI — Em português, caracteres latinos.

Exemplo:

AQVI IAZ · Aº· TELES · DE
MENESES · ALCAIDE · MOR
DE CÃPOMAIOR E OVGVELA
O QVAL FALECEO · A · 26 · DE
SETẼBRO · DE · 1519

e) — Séculos XVII e XVIII — Em geral muito extensas, indicando, por vezes, cargos e honras. Em português ou latim. Caracteres capitais romanos.

Exemplo:

DOM RODRIGO DA CVNHA
PAY DA PATRIA
COLLEGIAL DO COLLEGIO REAL
DOVTOR NOS SAGRADOS CANONES
ESCRITOR INSIGNE

INQVISIDOR
BISPO DE PORTALEGRE E DO PORTO
ARCEBISPO PRIMAZ E DE LISBOA
CARDEAL NOMEADO
QVE NÃO ACEITOV POR LIBERTAR A PATRIA
GOVERNADOR DO REINO
CONSELHEIRO DE ESTADO
FALLECEO EM 3 DE JANEIRO DE 1643
DE IDADE DE 65 ANNOS
TRESLADOV-SE NO ANNO DE 1702 POR D
PEDRO ALVARES DA CVNHA TRINCHANTE
MOR DE SVA MAGESTADE PEDE-SE HVM
PADRE NOSSO E HVMA AVE MARIA

Não devemos deixar de fazer aqui menção de certas inscrições, em geral rimadas, que pela sua extravagância merecem registo àparte.

Monsenhor Ferreira, no seu trabalho «Os Túmulos de Santa Clara de Vila do Conde» refere-se à seguinte, existente no túmulo de D. Fernando de Menezes:

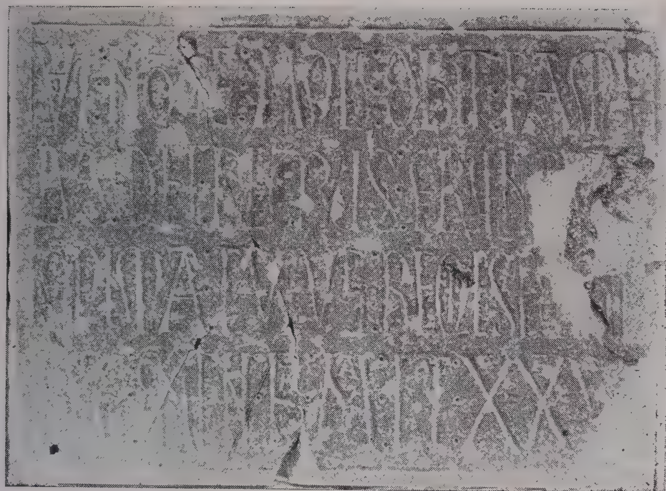
POIS QUE NÕ TEÑO PODER
SENHORA DE ME PARTIR
DE VOS AMAR E QUERER
POR VOSTRO QUERO MORIR
E MOIRO DE MA DAMA

Faria e Sousa, conta o seguinte epitáfio descoberto em Chaves:

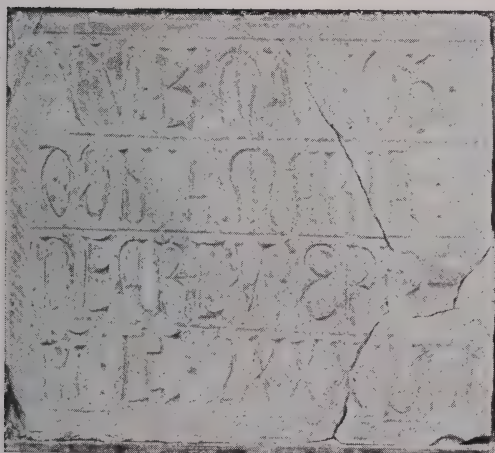
AQUI IAZ SIMOM ANTOM
QUE MATOU MUITO CASTELÃO
E DEBAIXO DESTE COVCM
DESAFIA A QUANTOS SÃO

Já de época posterior, existe na igreja de S. Pedro de Torres Vedras uma que princípia assim:

NṼQVA DESCÃCO
ACHEI NESTA VIDA
TÂ CAMCADA SE
NÂ AQVI NESTA M
ORADA........ ...

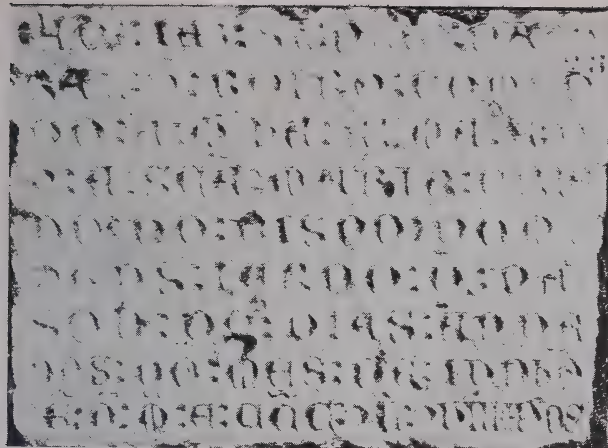


Inscrição do século XII
(Museu do Carmo)

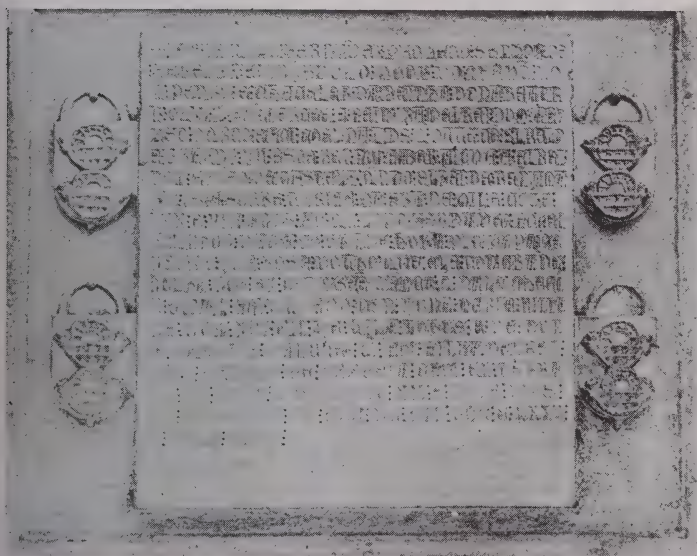


Inscrição do século XIII
(Museu do Carmo)

Fotografias do Ex.mo Sr. Coronel Azevedo e Silva

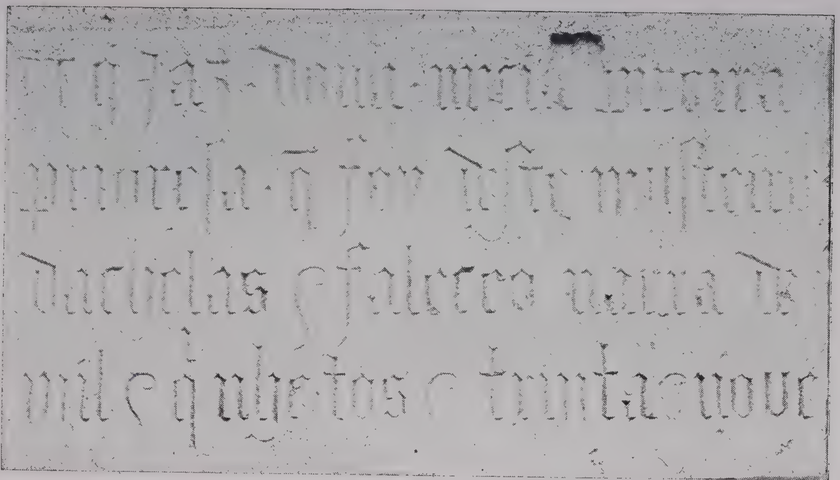


Inscrição do século XIV
(Museu do Carmo)



Inscrição do século XIV
(Sé de Lisboa)

Fotografias do Ex.mo Sr. Coronel Azevedo e Silva



Inscrição do século XVI
(Museu do Carmo)

Fotografia do Ex.mo Sr. Coronel Azevedo e Silva

AQVI IAZ A INFANTE D CNª F DLREY D DVARTE E DA RAI
NHA D LEANOR NETA DL REY D IOAÕ 1º IRMÃ DELREY
D Aº 5 TIA DLREY D IOAÕ 2 A QVAL ESTANDO DESPOZA
DA COM CARLOS PRINCIPE DNAVARRA E ARAGAÕ E COM
DVARTE 4 REY DINGLATERRA SEM SE EFFEITVAR ALGVM
DOS CAZAMENTOS FALLECEO D 27 ANNOS SEXTA FEIRA
17 DE IVNHO ANNO D 1463

Inscrição do século XVII
(Museu do Carmo)

Fotografia do Ex.mo Sr. Coronel Azevedo e Silva



